

Em greve

On strike

En huelga

Lucas Bronzatto¹

Coletivo Dolores Boca Aberta Mecntrônica de Artes
São Paulo, SP, Brasil
lucasbs@gmail.com

Não será de outro jeito

companheir@ em greve

não será nada ameno

you sabe

jornais e revistas desrespeitarão seu movimento

As tevês só mostrarão os prejuízos da sua greve

farão cinematográficas reportagens sensacionalistas

mostrando o mal que sua luta faz aos cidadãos de bem

seleto grupo do qual você não faz mais parte

Caso isso ainda não tenha te acontecido

you mais cedo ou mais tarde será rotulado

taxado

chamado de vândalo baderneiro vagabundo arruaceiro

Algum comentarista de renome certamente te incluirá

na minoria que se infiltra nas manifestações

atrapalhando as legítimas expressões do povo brasileiro

(aquelas que não fazem cócegas no patrimônio dos patrões

nem arranham a fortaleza da concentração de renda)

You sabe melhor do que ninguém

companheir@ em greve

seu patrão não fará concessões

oferecerá migalhas

¹ Mestre em Saúde Pública pela ENSP/Fiocruz, autor de Cantos Tortos (2014), Afronta Fronteiras (2016) e Cantos à nossa posição - a poesia de Roque Dalton (organização e tradução) (2017).

e sempre haverá aqueles que aceitarão
e tentarão convencer vocês a aceitá-las
Uns, porque têm seus motivos
outros, porque recebem incentivos

Estranho será
se as conquistas não forem à força
se seu patrão não fizer o festival de hipocrisias
de sempre
Se não disser que trabalha mais que você
e por isso merece ser patrão
e por isso você não merece o que reivindica
Se não disser
que os pais dele trabalharam mais que seus pais
ou que os avós dele mais que seus avós
Se não disser
que vocês exageram ao dizerem que são explorados
que essa enorme diferença entre o custo pra produzir
e o preço pra vender não vai para o bolso dele
que a crise isso que o governo aquilo
que já faz muito de gerar empregos
que há motivos
pra mulheres ganharem menos que homens
e negros menos que brancos

Não será de outro jeito
companheir@ em greve
onde quer que vocês protestem
a polícia agirá como polícia
com todo seu preparo para a truculência
reprimirá sem razão
responderá com brutalidade
a alguma ação cheia de razão pra vocês
como sempre
defenderá os patrimônios mais que as pessoas

Não tenho dúvidas
de que os burocratas e ex-incendiários
que dizem falar em seu nome
depois de serem atropelados
por nossa gente nas ruas
te chamarão de oportunista
chamarão a tod@s grevistas de oportunistas
sem distinção

Posso apostar que intelectuais criarão abaixo-assinados
pelo direito da sociedade não ser prejudicada
com sua greve
pelo direito deles
de irem e virem de um devaneio a outro
sem passar pela realidade

Chovo no molhado
nesse chão já bastante pisado
Você sabe melhor do que eu
não será de outro jeito
companheir@ em greve
e parece que é melhor assim
sem nada que amenize
nada que atenua
nada que concilie o inconciliável
nada que confunda

Alívio
companheir@ em greve
só virá de quem estiver lado a lado
ombro a ombro nas ruas
(ali me encontrará também)
Estranho será se não for assim
Não há por que esperar outra coisa
não há por que esperar

“Em greve” é um poema que foi escrito em maio de 2014, inspirado pela greve de motoristas de ônibus que aconteceu no Rio de Janeiro neste período. Mas não é só sobre esta greve. É sobre outras que vieram antes, e possivelmente sobre outras que virão.

Escrevi o poema no calor daqueles meses que estivemos muito nas ruas. Mudei-me para o Rio em março de 2013 e meses depois, quando eu ainda estava procurando me inserir nos movimentos e organizações políticas da cidade, iniciam-se os protestos contra o aumento das passagens. A partir de junho, a cidade viveu uma sequência de atos, paralisações e greves, que fez com que muitas lutas se encontrassem e se juntassem nas ruas. Listo algumas desse tempo (as em que estive) numa tentativa de ordená-las cronologicamente, contando com a memória, que sempre pode trair: protestos contra a copa do mundo da FIFA na copa das confederações, paralisações por direitos sociais, vinda do Papa ao Brasil com protestos de movimentos identitários, ocupa Câmara, greve de professores longa e combativa, protestos contra as detenções de manifestantes durante protestos, nova invasão da Aldeia Maracanã pela polícia, greve de garis, protestos contra as UPPs e contra o genocídio da população negra, contra a prisão de Rafael Braga, greve de motoristas de ônibus, protestos durante a Copa do Mundo...

Esta efervescência de manifestações e de lutas tinha lampejos da tão sonhada unidade da esquerda, ombro a ombro nas ruas, ainda que em posições diferentes na hora dos confrontos. Por outro lado, unificava-se também a reação a essas manifestações, e o discurso midiático pra criminalizar os movimentos que lutavam era praticamente o mesmo, fossem eles novos ou antigos.

E eu ia conhecendo e reconhecendo pessoas e organizações, enxergando as conexões dessas lutas inseridas na luta de classes, identificando nas ruas e reuniões quem era conciliador e quem agia sabendo que com a burguesia não tem conciliação, me indignando com as reações e repressões, sofrendo-as no corpo e mente, me entendendo em meio a isso tudo também, e escrevia. Escrevia muito. Poemas. Pra tentar entender o mundo, me entender, pra denunciar, pra contar a história de dentro, desmentir a mídia, registrar memórias nossas, memórias da classe, em luta. A Cinelândia não era só um ponto de chegada de vários atos, era também um ponto de partida de muitos de meus poemas.

Acho que em alguma medida também escrevia pra um dia ver esses poemas ditos nesses atos. Via aquelas falas padronizadas nos carros de som, de uma esquerda burocratizada, repetindo-se na forma e no conteúdo, uma fórmula. Começava a nascer em mim, em meio à minha timidez, um desejo de dizer esses poemas ali, no microfone, no megafone, no grito, pra quebrar essa forma viciada de comunicação nos atos, que conversa tão pouco com quem tá na lida do dia a dia sofrendo

as agruras da exploração capitalista e as opressões todas por ser quem se é. Meia hora de falas em um carro de som numa manifestação e quem não está acostumado com isso já não aguenta mais.

É difícil precisar, ainda mais quatro anos depois, mas acho que o “Em Greve” nasce daí. No fundo feito pra ser dito em um ato político de alguma greve. É uma conversa entre companheir@s de luta. Eu, naquele momento um trabalhador provisoriamente na condição de estudante de mestrado, que estava em outros protestos antes da greve de motoristas, mas que via essas conexões todas, tanto entre nós nas ruas, quanto entre nossos inimigos, na mídia, no Estado e nas corporações.

Porque também eram rotulados de baderneiras as pessoas ou grupos que não topassem as negociatas de alguns sindicatos-bombeiros e cruzassem os braços atropelando as direções. Também eram vândalas aquelas que impediam a saída de ônibus das garagens pra fortalecer a greve. Também eram vagabundas e não tinham mais o que fazer aquelas que faziam piquete nas várias regiões da cidade. O discurso se repetia, fossem trabalhadores/as de qualquer categoria em greve, estudantes combativos, sem terras, feministas, era sempre a mesma coisa. Naquele tempo, inclusive, circulou na internet um abaixo-assinado de intelectuais que reivindicavam seu direito de ir e vir, que estava sendo prejudicado com tantas manifestações e protestos pelo país.

A reação da polícia também era a mesma: se qualquer grupo tomasse qualquer atitude que colocasse em risco os privilégios, ganhos e lucros das classes dominantes, ou que as forçassem a gastar para pagar algum prejuízo, a repressão era certa. Como sempre, aliás, ao longo da história.

Tudo isso entrou para o poema, numa tentativa de desvelar essa cadeia de ações e reações em torno de uma greve. Fui compondo, retirando esses elementos da realidade, desse período histórico. O texto nasce nas ruas, pra ser dito nas ruas. Por isso é quase um discurso político de carro de som, de megafone, mas em versos, com imagens poéticas.

Outro dia, um amigo me disse que achava que esse poema descrevia o processo de tomada de consciência de classe vivenciada por alguém por meio da experiência de fazer uma greve e sofrer as consequências. Concordei e acho que, no fundo, descreve também o meu processo de tomada de consciência de classe neste período no Rio de Janeiro.

De lá pra cá, o poema foi “usado” várias vezes, circulou pela internet em várias outras greves que aconteceram nesses quatro anos, de várias categorias de trabalhadores/as. Uma delas ficou bem guardada na memória, foi na recente greve de professores/as do município de São Paulo desse ano, onde estou morando atualmente. A greve foi também bastante combativa, grande e bem organizada e aconteceram atos nos bairros, descentralizando a luta. Num desses atos, estava com o coletivo de artistas do qual faço parte, na zona leste de São Paulo, e declamei o poema durante a manifestação,

em um carro de som. Os trabalhadores e as trabalhadoras ali presentes se identificaram bastante nos versos. Fazer menção ali aos patrões que dizem que “trabalham mais que você, e que os pais dele trabalharam mais que seus pais e os avós dele mais que seus avós” era falar de um patrão-prefeito vindo de uma família escravocrata que construiu uma falsa imagem de “João Trabalhador”, encarnando a falácia da meritocracia. “Meritocracia é fácil pra quem já nasceu no pódio”, como diz a Luiza Romão em um poema.

O fato é que, nesse dia, foi como se o poema voltasse ao seu lugar de nascimento, como se encontrasse a parte que faltava para se realizar como obra, chegando a seus interlocutores no momento mais oportuno. Estava com este poema num lugar em que a poesia precisa estar: junto da classe trabalhadora, desvelando, descortinando, trazendo outras lentes pra compreendermos esses nossos processos de luta, durante as lutas. Não só nos livros, nas estantes, mas nas ruas, ali nos bairros, com quem está enfrentando a ordem, descumprindo as ordens. Ali, onde esse poema sempre esteve, somando-se ao coro das vozes das ruas, na luta da classe trabalhadora contra a burguesia. Ali também é lugar de poesia. Nunca tive tanta clareza disso como nesse dia.